



**“NÃO SOU CURANDEIRO, SOU CIENTISTA!”: TEATRO, PSIQUIATRIA,
NEUROCIÊNCIAS E EPIGENÉTICA NA PSICOPATOLOGIA DE UM MÉDICO-ATOR**

***“I’m not a healer, I’m a scientist!”: theater, psychiatry, neurosciences and
epigenetics in the psychopathology of a doctor-actor***

Felipe Magaldi

Doutor em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ).

Pós-doutorando do Instituto de Antropología de Córdoba – IDACOR-UNC/CONICET, Argentina.

Email: femagaldi@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 28-57, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Este artigo aborda as teorias e práticas terapêuticas preconizadas pelo médico e ator carioca Vitor Pordeus. Trata-se do coordenador da política pública municipal “Hotel da Loucura”, desenvolvida entre 2012 e 2016 no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, situado no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. O foco do projeto consistiu na oferta de atividades artísticas – sobretudo teatrais – como método de tratamento para os chamados transtornos mentais, tendo como público-alvo pacientes internos e externos à instituição. Com base em trabalho de campo etnográfico, o texto explora as controvérsias relativas à legitimidade dessa prática, consequências do contexto de triunfo da psiquiatria biológica, bem como o acionamento de discursos neurocientíficos e genéticos/epigenéticos para justificar sua validade e eficácia. Sustenta-se que a compreensão molecular da vida não se destina somente a alimentar um naturalismo determinista e reducionista, articulando-se também com práticas desprestigiadas na hierarquia dos saberes-poderes.

PALAVRAS-CHAVE:

Teatro. Psiquiatria. Epigenética. Neurociências. Saúde Mental.

ABSTRACT:

This article approaches the theories and therapeutic practices advocated by the Rio de Janeiro born doctor and actor Vitor Pordeus. He is the coordinator of the municipal public policy “The Madness Hotel”, developed from 2012 to 2016 at the Municipal Institute of Health Care Nise da Silveira, located in the district of Engenho de Dentro, in Rio de Janeiro. The focus of the project consisted in the offer of artistic activities - mainly theatrical ones - as a method of treatment for the so-called mental disorders, targeting internal and external patients. Based on ethnographic fieldwork, the text explores the controversies regarding the legitimacy of this practice, occurring in the context of triumph of biological psychiatry, as well as the activation of neuroscientific and genetic/epigenetic discourses to justify its validity and effectiveness. It is argued that the molecular understanding of life is not only intended to nourish a deterministic and reductionist naturalism, but also articulates with practices discredited in the hierarchy of knowledges-powers.

KEYWORDS:

Theater. Psychiatry. Epigenetics. Neurosciences. Mental Health.



INTRODUÇÃO

Em uma tarde de quinta-feira, no interior de um complexo hospitalar centenário localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, um grupo de 20 pessoas se reúne ao redor de uma espécie de ágora teatral a céu aberto. Seus corpos são cobertos por fantasias: túnicas, chapéus, perucas e penduricalhos de múltiplas formas e cores. Há entre eles artistas, psicólogos/as, pacientes psiquiátricos/as, agentes culturais de saúde, um médico-ator, um antropólogo e alguns visitantes ou curiosos/as. Para um observador externo, contudo, seria difícil dizer quem é quem, pois ali, são todos *atores*. Eles estão numa atividade do Hotel da Loucura (HL), uma política pública do município do Rio de Janeiro, destinada a oferecer práticas artísticas (sobretudo teatrais) a pacientes psiquiátricos internos e externos à instituição, assim como ao público mais amplo.

A reunião se dá por ocasião do término de uma *oficina de ação expressiva*, um dos mais destacados eventos preconizados pelo projeto. Trata-se de uma série de exercícios dramatúrgicos baseada na interação espontânea entre os atores, incluindo gestos, movimentos e cânticos. Nessa atividade específica, os papéis não são predefinidos e nenhuma hierarquia entre pacientes ou não-pacientes é acionada de antemão. Os recém-chegados precisam apenas tomar algum adereço e engajar-se no movimento aleatório junto às outras pessoas. Formam-se círculos, cirandas, ou simplesmente confusão. A atividade é coordenada pelo médico-ator que, com seu microfone, entra e sai do invólucro fervorosamente, guiando o ritmo até a calmaria. “É preciso se mover e ocupar o espaço. Como diz Spinoza, Deus é potência em ato”, explica, incentivando o fluxo.

Ao contrário do que um visitante desavisado poderia pensar, o exercício não consiste em um mero passatempo para seus praticantes. Antes, trata-se de um fazer propriamente terapêutico, capaz de restituir a comunicação de pessoas com psicoses graves e aliviar o sofrimento de sujeitos internados durante décadas na instituição manicomial. Seu coordenador, em particular, é responsável por uma elaborada reflexão teórica sobre a gênese dos transtornos mentais, e critica ferozmente os pressupostos de uma certa medicina cartesiana e neodarwinista. Em sua leitura, esta



se destina a equacionar o corpo à máquina, legitimando as violências mais atrozes, como a hiperdosagem de psicofármacos e as internações compulsórias. Em troca, o médico-ator propõe um novo modelo de compreensão, combinando elementos das artes, dos saberes psi e da biologia. Sua afirmação é de que a expressão teatral promove a cura para aqueles fenômenos conhecidos no saber popular como relativos à *loucura* ou, na psiquiatria, a uma série heterogênea de classificações, com especial destaque para o campo semântico da esquizofrenia¹.

Este texto aborda as teorias e práticas terapêuticas preconizadas pelo médico e ator Vitor Pordeus, coordenador do Hotel da Loucura. Para tanto, parte de material referente a um trabalho de campo realizado nessa política pública entre 2014 e 2016, o qual deu resultado a uma tese de doutorado (MAGALDI, 2018). A pesquisa foi realizada no atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira², antigamente conhecido como Centro Psiquiátrico Pedro II ou Centro Psiquiátrico Nacional. Neste artigo em particular, são enfatizados aspectos da trajetória e do método do profissional em questão, incluindo a etnografia de um curso de formação por ele ministrado e a referência à sua produção científica. Busca-se demonstrar como ele constrói noções de corpo e pessoa em termos biológicos, com especial menção às neurociências e à epigenética, no intuito de justificar a aplicação de atividades artísticas como mecanismos terapêuticos eficazes na área de saúde mental.

O trabalho se divide em quatro partes, adicionais à introdução. A primeira apresenta o desenvolvimento da formação do médico-ator e a subsequente fundação do Hotel da Loucura, incluindo a fundamentação de suas práticas teatrais. A segunda traz à baila um discurso referente a um curso de psicopatologia do projeto. A terceira explora artigos científicos assinados por seu coordenador. A quarta trata das relações históricas entre psiquiatria e biologia, explicitando a influente ascensão de

¹ Para um aprofundamento na genealogia da categoria esquizofrenia, incluindo a permanência de seu campo semântico diante das recentes transformações nosográficas da psiquiatria, ver Venancio (1998).

² A investigação foi registrada no Cetape – o Centro de Estudos e Treinamento Paulo Elejalde do IMNS – depois de cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto intitula-se “Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Brasil”, com número de cadastro CAAE 54861416.7.0000.5582. O conteúdo deste artigo, focado em eventos e figuras públicas, bem como de bibliografias de livre acesso, teve a anuência de seus interlocutores.



perspectivas neurocientíficas e genéticas/epigenéticas no campo psiquiátrico a partir do último quarto do século XX. Por fim, na conclusão, explicita-se como a preeminência dos discursos da genética/genômica no âmbito da biomedicina não se destina a alimentar somente um naturalismo determinista e reducionista. Diversamente, estende-se para domínios considerados menos legítimos na hierarquia dos saberes-poderes. Trata-se, assim, de um esforço genealógico, atento à sujeição dos saberes históricos inscritos em uma hierarquia de poderes própria à ciência; bem como atento à oposição contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico (FOUCAULT, 1986).

UMA TRAJETÓRIA E UM MÉTODO

O carioca Vitor Pordeus (1980–) se graduou em Medicina pela Universidade Federal Fluminense, entre 1998 e 2005. Nesse período, especializou-se em imunologia, sob a orientação do professor Nelson Monteiro Vaz, com quem escreveu diversos artigos, conforme consta em seu *lattes* (PORDEUS, 2014). Pouco depois, realizou residência no Instituto Weizmann, em Israel, bem como na Universidade de Tel Aviv. Chegou a ingressar no doutorado em Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Porém, como narrou em entrevista, desligou-se do curso por conta “uma discordância científica e filosófica” (PORDEUS, 2015, s/p), decorrente da visão biomédica estrita e dos critérios de produtividade injustos do campo acadêmico.

A partir desse momento crítico, concentrou suas atividades no campo artístico, sobretudo a partir de 2006, quando ingressou no grupo de teatro de rua Tá Na Rua, coordenado por Amir Haddad. Entretanto, não abandonou seu interesse pela produção de conhecimento e pela prática médica. Desse período, ele destaca seu contato com Bertold Brecht como uma importante influência para retomar seu interesse pela pesquisa. Como Pordeus, o dramaturgo alemão também havia estudado medicina e trabalhado na universidade. A obra *A Vida de Galileu* [1943], em particular, seria marcante por evidenciar as relações entre ciência, arte e política: “Achei que não teria volta, mas depois de ler Galileu e Brecht redescobri o gosto pela medicina” (PORDEUS, 2015, s/p).



Em 2008, enquanto trabalhava na divisão de pesquisa do Hospital Pró-Cardíaco, uma instituição privada do Rio de Janeiro, seu chefe, Hans Dohmann, recebeu indicação para ser secretário de saúde do município. Através desse contato, o médico-ator foi convidado para coordenar o Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, assumindo a pasta no ano seguinte.

Nessa época, Pordeus ainda não conhecia o hospital psiquiátrico Engenho de Dentro. Incentivado por seus colegas de trabalho, começou a fazer suas primeiras visitas à instituição. Lá, entrou em contato com o legado da psiquiatra alagoana Nise da Silveira [1905-1999], cujo nome intitulava o complexo.

Nise, que trabalhou ali desde a década de 1940, ficou conhecida por criticar ferozmente as intervenções psiquiátricas dominantes em sua época (eletrochoque, lobotomia, coma insulínico)³, considerando-as agressivas e ineficazes. Propôs, em troca, atividades expressivas como forma de tratamento, com destaque para a pintura e a modelagem. Para a médica, que se inspirava principalmente na psicologia analítica de C.G. Jung, as imagens revelavam o inconsciente, possibilitando a comunicação com os internos do hospital, e sua fabricação era eficiente no processo de cura, desde que realizada em um ambiente de afeto e convivência.

Pouco depois do início do trabalho com as oficinas, Nise fundou o Museu de Imagens do Inconsciente no interior daquele complexo hospitalar (1952), no intuito de armazenar e expor os artefatos produzidos por seus frequentadores. Desenvolveu ali, com base no pensamento junguiano, um método de estudo das imagens em série, que estabeleceu comparações com conteúdos míticos, folclóricos e religiosos de diversas culturas e tempos históricos, apontando para a existência de um simbolismo universal (MAGALDI, 2018).

Para Pordeus, o contato com a obra de Nise da Silveira foi impactante. Como afirma em outra entrevista jornalística, “Eu cheguei lá [no Museu] e me apaixonei profundamente porque é uma revolução realmente o que a Dra. Nise fez, que foi jus-

³ O eletrochoque, ou eletroconvulsoterapia, consiste no dispêndio de descargas elétricas na região das têmporas através do uso de pequenos eletrodos. A lobotomia ou leucotomia é uma neurocirurgia realizada a partir do desligamento de fibras cerebrais com a introdução de hastes metálicas. A insulino-terapia consiste na indução em coma hipoglicêmico do paciente psicótico por mediação da administração de grandes doses de insulina (MELO, 2009).



tamente explorar o mundo interno dos ditos esquizofrênicos” (PORDEUS, 2014, s/p). Segundo o médico, através do método desenvolvido por Nise, seria possível descobrir imagens, mitos e narrativas que são conteúdos do inconsciente coletivo, reveláveis por meio de relações criativas e afetuosas, em qualquer lugar, com qualquer ser humano: “É uma coisa absolutamente científica reproduzível, regular, histórica... Dra. Nise é a melhor médica da história do Brasil” (PORDEUS, 2014, s/p).

A partir de então, com base no referencial niseano, Pordeus passou a desenvolver o seu trabalho, conjugando-o com sua formação médica e artística. Em 2010, participou da fundação da Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC), coletivo formado por uma rede de artistas e profissionais de todo o país, destinado à militância antimanicomial na interseção entre saúde, cultura e arte popular. Em 2011, organizou o Teatro de DyoNises, grupo teatral focado no teatro de rua, cujo nome faz dupla referência ao deus grego Dionísio e a Nise da Silveira.

Esses foram os preâmbulos para um evento mais definitivo. Em julho de 2012, por ocasião do 3º Congresso da UPAC, o Hotel da Loucura começou a ganhar forma dentro do complexo psiquiátrico do Engenho de Dentro. Foi quando os andares desativados do Instituto Psiquiátrico Adauto Botelho foram ocupados. “A gente ocupou primeiro uma enfermaria [...], pintamos paredes, lavamos banheiros, desenhamos, cantamos, pulamos, e nesse primeiro ano a gente expandiu para outra enfermaria, a gente tem uma área de duas grandes enfermarias psiquiátricas” (PORDEUS, 2014, s/p), explica. Nessas enfermarias, se instalaram seis coletivos artísticos, que se tornaram os primeiros residentes do Hotel⁴. Além disso, foram abertos quartos ocupados com camas beliche, destinadas a receber os participantes dos eventos e eventuais hóspedes. A estrutura contou ainda com uma cozinha, uma biblioteca e um *hall* de entrada, principal lugar de reuniões do coletivo. O projeto consolidou, assim, sua espacialidade, possibilitando o trânsito entre artistas, visitantes e pacientes internos e externos no interior do hospital.

Entre as principais atividades terapêuticas do Hotel da Loucura, estavam as oficinas de ação expressiva realizadas no interior do hospital, referidas na introdu-

⁴ Entre esses, destacaram-se Norte Comum, Coletivo Vô Pixá Pelada, Néctar, CRUA - Coletivo Criativo de Rua, TV Caiçara, Jornal ReOrganise e Coletivo AIA, além da sede da Universidade Popular de Arte Ciência, do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde e do Teatro de DyoNises.



ção deste artigo. O projeto incluía ainda excursões correlatas, nas quais uma van da prefeitura transportava os atores desde o Engenho de Dentro. Entre estas, destacavam-se os ensaios do Teatro de DyoNises, realizados numa ágora ao lado da Pedra do Arpoador, em Ipanema. Ali, o médico-ator que coordenava o acontecimento formava uma roda e entoava o tema: “somos um círculo, dentro de um círculo, sem início e sem fim...”, ganhando coro dos outros membros. Transeuntes aleatórios – turistas, vendedores ambulantes, grupos de adolescentes e curiosos em geral – entravam na atividade sem nenhum impedimento. Pegavam livremente acessórios e fantasias que se dispunham em um cabideiro situado ao lado da ágora, e se juntavam ao grupo. A roda girava, mãos atadas a mãos, por uns bons minutos, até cessar. Um tambor monótono e constante ressoava, assim como um acorde de violão. “Este é um ritual. Nós temos que respeitar a harmonia da roda. Quando se bota alguém em cisão, a pessoa esquizofreniza. O ritual abre portas, mas temos que manter o controle”, explicava o provocador.

Esse, contudo, era apenas o aquecimento. Logo daria lugar a outra atividade teatral, dessa vez um pouco mais formal: o ensaio da peça *Hamlet*, de Shakespeare. Como se sabe, trata-se de uma peça ambientada na Dinamarca, escrita na passagem entre os séculos XVI e XVII. Em seu roteiro, o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai, o Rei Hamlet, assassinado por seu irmão, Claudio, que toma o trono e se casa com a Rainha. Traição, vingança, incesto, corrupção, loucura e moralidade estão entre os principais temas da obra. Diferentemente do aquecimento ou das oficinas de ação expressiva do Engenho de Dentro, que se realizavam muitas vezes sem roteiro, dando valor à espontaneidade e ao fluxo de gestos, corpos e movimentos, essa atividade realizada no Arpoador trazia uma história de fundo, embora ela nem sempre fosse seguida totalmente à risca. “Teatro de malucos, né? Não dá para esperar roteiro”, como me explicou uma companheira, atriz, que conheci através da pesquisa.

Ao longo do trabalho de campo, foi possível perceber que alguns personagens eram fixos, e outros poderiam ser encarnados de maneira mais fortuita, incluindo mais de um indivíduo. Destacava-se o Rei Hamlet, protagonizado por um senhor negro em cadeira de rodas, considerado um sobrevivente do sistema manicomial pelo grupo. Ele permanecia sempre no centro da arena, funcionando como uma espécie



de eixo gravitacional. Os outros atores se dispunham ao redor. Alguns participantes eram moradores de rua locais. Outros eram membros externos, como eu, de variadas idades e formações, em geral com um perfil de classe média. A equipe permanente do teatro integrava Denise Andrade, Edmar Oliveira e João Lima, atores regulares, além de artistas e ativistas dedicados a numerosas ações culturais na cidade. O médico-ator Vitor Pordeus, coordenador do Hotel da Loucura, era seu provocador, na companhia de três ou quatro agentes de saúde. Por fim, havia o público ao redor, que desaparecia com a mesma velocidade com que chegara. “Isto aqui é macumba?”, uma vez me perguntou uma senhora, que entrando no círculo, por acaso foi parar justo a meu lado. “É um ritual”, respondi”. “Um ritual do bem?” “Um ritual do bem”.

A orientação da atividade seguia tendo como pano de fundo o referencial teórico de Nise da Silveira. Uma marcante passagem de seus escritos chamara a atenção do médico-ator do HL. Em *Imagens do Inconsciente*, ao tratar da leitura psicológica das psicoses preconizada por Jung, Nise afirma: “Shakespeare já sabia que os delírios têm sentido. Aludindo aos desvairados discursos de Hamlet, Polonius diz: Desvario sim, mas tem seu método (Hamlet, ato II, cena ii). Mas naturalmente os homens de ciência nunca escutam os poetas” (SILVEIRA, 1981, p. 94). Esta passagem serviu de matéria prima para o *leitmotiv* do Teatro de Dyonises: “Loucura sim, mas tem seu método”, que era praticamente um grito de guerra, entoado por todos os seus atores com grande fervor no intervalo de cada cena.

No curso da investigação, fui buscando entender os sentidos desse mote, ao mesmo tempo que me amalgamava aos corpos e personagens que o sustentavam. Parecia residir nesta pequena sentença toda a concepção de saúde mental compartilhada pelos participantes daquele coletivo. “Loucura sim, mas tem seu método” pressupunha, primeiramente, uma afirmação que habilitava o desvario; era seguida, entretanto, de uma ponderação, a qual incluía um procedimento. Não se tratava, portanto, de um simples elogio da loucura, tampouco de uma indiferença. Ao contrário, implicava na necessidade de certo manejo, que se dava, naquele caso, através do teatro. “Quem não cria, está doente”, dizia o profético provocador da atividade, durante a atividade e depois, em seus debates coletivos. “A cura para a loucura é o teatro. O teatro devolve a catarse ao ator desde os primeiros rituais do homem primitivo, dos



cânticos gregos do Ditirambo.”, costumava explicar.

Essa concepção transplantava as teorias psicológicas de Nise da Silveira a propósito das imagens para o âmbito da dramaturgia. Ao inserir o teatro na problemática da evolução humana, ele buscava resgatar o que chamava de um “ritual primitivo” para o tratamento da loucura. Não tinha com isso a intenção de subscrever essas experiências de forma descompromissada, mas de assumi-las como constitutivas e de entender sua possível articulação em um processo terapêutico.

Um trecho da peça *Hamlet*, que se repetia com maior regularidade entre os imponderáveis e as espontaneidades da oficina, era fundamental nesse sentido. Trata-se da cena em que o Príncipe convoca um grupo de atores para encenar a morte de seu pai na frente do Rei Claudio, seu assassino. Vendo a peça, o Rei se desespera e acaba confessando o crime. Certa vez, em um dia em que a quantidade de atores era menor que o habitual, eu mesmo fui impulsionado a representar o Rei Hamlet, e tive que “morrer”, ali, naquela curiosa praia carioca-dinamarquesa. “Você sentiu a força do personagem”, diziam meus colegas. Não duvidava.

“Quando você vê a cena, você bota para fora...”, também me explicava uma agente cultural de saúde, cuja função era manter o toque da percussão. Mas “botar para fora”, naquele contexto, não indicava somente uma descarga emocional. Incluía, também, uma espécie de reorganização interna. Esse sentido se completava a partir de um dos cânticos que também eram entoados com frequência naquele teatro: “Ajusta o gesto à palavra, ajusta a palavra ao gesto!” Dessa forma, assim como para Nise a pintura e a modelagem tinham a função de reordenar a psique fragmentada, o teatro, para os membros daquele coletivo, possuía um efeito similar, ajustando gestos e palavras, e vice-versa. “Nosso remédio é o teatro”, dizia sempre uma atriz, paciente do hospital com diagnóstico de esquizofrenia, que costumava ocupar o papel do Rei Claudio.

Nota-se, a partir dessas observações, que a noção de que o teatro possa ser eficaz para o alívio dos ditos transtornos mentais era compartilhada entre os integrantes do grupo, incluindo tanto seu coordenador como seus pacientes. Isso não significa, no entanto, que suas práticas estejam isentas de conflitos. A partir do trabalho de campo, foi possível entrever que a ideia de uma cura através da arte encontra



diversos enfrentamentos diante de uma perspectiva biomédica.

Um exemplo marcante ocorreu quando a BBC de Londres veio ao Rio de Janeiro para realizar uma reportagem sobre o Hotel da Loucura e os ensaios do Teatro de DyoNises no Arpoador. “De Stratford ao Rio: usando Shakespeare para tratar a doença mental” foi o título da reportagem, assinada por Ben Tavener (2015), na seção BBC Health Check. O texto buscava explicar como rotinas de teatro, cantos e rituais de entoação poderiam tratar “pacientes” com problemas mentais melhor do que drogas convencionais, fazendo menção à perspectiva afirmativa dos pacientes e do coordenador do projeto. No entanto, terminava com um item intitulado “Cura controversa”, segundo o qual os profissionais do próprio hospital em que o médico-ator trabalhava estariam contrários à sua prática, como ele mesmo admitiria. Na crítica, sua técnica seria excessivamente estimulante e não deixaria claras as fronteiras da relação médico-paciente. Ao final, apresentavam-se opiniões de especialistas externos. Um deles, o médico Leonardo Palmeira, especialista em esquizofrenia, colocava sob suspeita a prática, afirmando que o teatro pode não ser para todo mundo, e que o ideal seria uma mistura de diversas práticas, sem descartar medicamentos psiquiátricos.

Pordeus, tanto nas oficinas como em distintas entrevistas, era frequentemente cobrado por sua posição quanto ao uso de medicamentos psiquiátricos. Seria o teatro suficiente para tratar os transtornos mentais, ou seria somente uma atividade complementar, diante da influente psicofarmacologia? Sua resposta era sempre enfática, invertendo os termos da balança: o remédio deve ser usado em doses controladas, constituindo mais uma resposta a casos emergenciais do que o tratamento substancial das doenças mentais. “A cura para a loucura é o teatro”, voltava a afirmar nessas ocasiões.

Essa constatação, porém, não se encerrava em um mero jargão. Embasava-se em uma elaborada reflexão teórica sobre a gênese das doenças mentais, que se verificou em uma das atividades mais marcantes do Hotel da Loucura. Trata-se do *Curso de Psicopatologia do Hotel da Loucura*, ao qual se volta a seguir, juntamente à produção científica de Pordeus. É a partir desses elementos que a gramática das neurociências e da genética – que, como se viu nesta parte, se faz pouco presente do ponto de vista das práticas cotidianas, nas quais predomina o ponto de vista artístico



e psicológico – aparece com mais evidência. Será visto como o referencial de Nise da Silveira e os exercícios de dramaturgia preconizados por Pordeus passam a ser conjugados com discursos biológicos, no intuito de confirmar sua validade e eficácia.

SOMOS UM CÍRCULO DENTRO DE UM CÍRCULO

Organizado por Vitor Pordeus, e ocasionalmente contando com a presença de convidados, o Curso de Psicopatologia permitiu entrever os referenciais teóricos que permeavam o trabalho do Hotel da Loucura. Tratou-se não tanto da oferta de aulas regulares, com avaliação e material didático, mas de um conjunto de palestras, com o roteiro praticamente idêntico em suas diferentes edições, tendo como tema a concepção do desenvolvimento dos transtornos mentais que servia de base ao trabalho do projeto. Estive presente em quatro dessas exposições, realizadas em distintas tardes de sexta-feira no auditório do Instituto Municipal Nise da Silveira, em 2016. A seguir, com base nas notas etnográficas tomadas no que pareceu o mais representativo desses eventos, busca-se reconstituir o roteiro do curso.

Com o auditório lotado, Pordeus iniciou sua fala agradecendo ao Instituto Nise da Silveira, o antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, e fazendo uma homenagem à doutora Nise da Silveira. Segundo o palestrante, aquele seria o momento apropriado para resgatá-la, já que ela estaria ali presente, em corpo e em espírito. Introduziu, então, a psicopatologia como tema do curso, desmembrando o significado do termo a partir de seus elementos gregos originais: *psique* = espírito; *pathos* = doença ou paixão; *logos* = logia, estudo. “O estudo das doenças do espírito, o estudo das doenças da mente é o que vamos tratar hoje aqui”.

“Nada mais prático que uma boa teoria”, era a sentença que abria o primeiro slide da apresentação, em referência ao cientista Haity Moussatché. Para se ter uma boa prática, é preciso uma teoria bem construída, explicava. Se, ao contrário, se contasse com uma teoria ensinada pela indústria farmacêutica, em articulação com a gestão de saúde; se, diversamente, estivesse disponível somente um “catecismo de faculdade”, que ensina coisas que não acontecem na natureza; se estivesse somente de acordo com um projeto científico colonizador, importado no país de forma acríti-



ca; então, a prática não poderia nunca ser boa: “Aí você vai por paciente e dá tudo ao contrário. Ao invés de melhorar, ele piora. Cada ano, uma dose maior de psicotrópico. Então, obviamente, deve haver algo de errado nessa teoria. Essa teoria não deve estar muito prática!”.

Uma segunda citação, logo abaixo de Moussatché, mas de autoria do próprio Pordeus, aparecia na projeção. “Se a guerra é ideológica, a estratégia tem que ser científica”. E justificava seu próprio papel na defesa do argumento: “Algumas pessoas me acusam de ser milagreiro, exorcista. Não sou curandeiro, sou cientista! E um cientista trabalha com métodos e conteúdos reproduzíveis, que possam ser testados pela comunidade”. Desde aqui, já começava a prever como seu método seria justificado cientificamente. “Então tudo o que eu falar aqui, você tem que ir lá e testar. Se não funcionar, é mentira. Não é ciência. É ideologia, é marketing farmacêutico”, dizia. Não se tratava de qualquer ciência, já que boa parte desta também seria alvo de denúncia durante sua fala.

Na sequência, por exemplo, o médico procedia uma severa crítica à importância excessiva conferida ao uso de psicofármacos em psiquiatria: “Porque tem esse canal de cálcio que fica alterado na esquizofrenia... Tudo bem. Mas você dá o remédio, e o paciente melhora mesmo? Ou fica meio lá meio cá? Meio lusco fusco, meio estranho?”. Segundo ele, a professora Marcia Angell, estudiosa da indústria farmacêutica do Departamento de Medicina de Harvard, publicou dados que demonstram que os investimentos desse ramo giram em torno de 40%, na área de marketing, e não em desenvolvimento e pesquisa. “Tem muito marketing fingindo que é ciência”, afirmava.

Em seguida, Pordeus se dedicava a expor os fundamentos da teoria que, segundo o próprio, seria verdadeiramente boa na prática, constituindo não um “programa final”, mas o “programa, afinal”. Este havia sido construído depois de sete anos trabalhando no Instituto Nise da Silveira, e dizia respeito sobretudo a uma visão de mundo, isto é, do que é a natureza e do que somos feitos: se somos competitivos ou cooperativos; se dependemos ou não dos outros; se estamos ou não sozinhos.

A concepção de mundo eleita pelo expositor como base de seu trabalho foi aquela delineada na articulação entre quatro autores principais: o filósofo luso-ho-



landês Baruch de Spinoza, o neurobiólogo chileno Humberto Maturana, a psiquiatra brasileira Nise da Silveira e seu mestre, o suíço Carl Gustav Jung, os quais formavam, conforme já constava previamente na divulgação do evento, a “Chave Spinoza-Maturana-Nise-Jung para o entendimento da atividade psíquica humana e seu adoecer”.

Spinoza, como contava o apresentador, nasceu em 1632 em Amsterdã, vindo a escrever sobre a origem e a natureza da mente e dos afetos. Propôs uma nova síntese da realidade e uma nova visão de mundo, definida por uma natureza englobante e animada, em oposição ao pensamento cartesiano prevalente. Pordeus voltaria a este autor mais tarde em sua apresentação. Por agora, vinha a referência ao mais contemporâneo neurobiólogo chileno Humberto Maturana, que propôs uma nova leitura da evolução humana, por deriva natural, e não por competição, recriando a biologia de herança darwinista. O apresentador conhecera Maturana pessoalmente graças a seu orientador de graduação, o professor Nelson Vaz, seu grande interlocutor. A partir da leitura de suas obras – tal como *A Árvore do Conhecimento* ou *De Máquinas e Seres Vivos*, escritos com Francisco Varela (MATURANA; VARELA, 1996; 1997), ou seus trabalhos sobre a origem das espécies por deriva natural, assinados com Jorge Mpodozis (MATURANA; MPODOZIS, 2000) – entrara em contato com ideias como a de que a ontogenia é gerada como um presente em cada instante. Trata-se, assim, de um processo *epigenético*⁵, que ocorre a partir do desenvolvimento do organismo no ambiente, e não por simples predeterminação.

Segundo Pordeus, o ponto de encontro entre o filósofo e o neurobiólogo residia na noção de “acoplamento estrutural”, isto é, de que não há individualidade na biologia: toda a biosfera funciona como um grande organismo estruturalmente acoplado. “Não há como você individualizar uma bactéria, uma ameba, ou as células do seu intestino, seu coração, a comunidade ou a família que você vive”, explicava. Nesse sentido, todos os seres biológicos são misturados, trabalham em rede, um afeta ao outro o tempo inteiro, abrindo possibilidades de mútua transformação.

Na sequência da acalorada palestra, retornou à referência à doutora Nise da

⁵ De origem aristotélica, o moderno conceito de epigenética (do grego *epi* = em ou sobre, como em *epílogo*) surgiu nos anos 1940, com o biólogo Conrad Waddington, para descrever a interação entre genes e ambiente que permite o surgimento dos fenótipos. Atualmente, a epigenética é a área da biologia que estuda mudanças no funcionamento de um gene que não são causadas por alterações na sequência de DNA e que se perpetuam nas divisões celulares (SILVA; DUARTE, 2014).



Silveira, que havia trabalhado naquele mesmo hospital, por longos anos, e a seu mestre, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, com quem ela estudou durante dois anos em Zurique. “Nós acreditamos que eles têm uma psicopatologia científica, verificável na prática todos os dias”. Essa hipótese seria testada principalmente a partir da temática das imagens, compartilhada por esses autores. “A Nise escreveu esse livro, *O Mundo das Imagens*. É justamente começar a falar não só em palavras, mas em imagens. Como as imagens organizam nossa saúde mental? Como organizam o nosso afeto?”.

A contribuição específica de Jung, inspiração de Nise, residiria na descoberta de que as imagens não são ao acaso, nem produto de uma individualidade. Ao contrário, as imagens têm história. Virando-se para uma menina da plateia, o expositor exemplificou: “A sua imagem de face, seu cabelo, seu nariz, sua boca, têm história. Não vieram do nada. Não foram criados por você. Isto aí foi feito por sua mãe, pelo seu pai, pela sua avó, sua bisavó, tataravó”. Jung entendeu que as imagens são herdadas, e que aquelas que os pacientes trazem no delírio, também têm uma história e uma estrutura regular. A isso, ele chamou de *inconsciente coletivo*, mostrando a repetição sistemática dessas imagens nos processos de adoecimento psíquico, mas também na cultura, na arte, na televisão, no teatro, nos espetáculos, gerando afecções compartilhadas: “Aí vamos ver que estamos vivendo um processo muito antigo. E que essas imagens recorrem desde que o mundo é mundo, desde que a humanidade é humanidade”. Nise da Silveira havia seguido na mesma direção, ao enxergar nas pinturas e esculturas de seus pacientes imagens universais, *arquétipos*, presentes ao longo da evolução humana em diversas culturas.

Nota-se, aqui, o estabelecimento de uma continuidade entre as teorias psicológicas do inconsciente e das imagens, tal como concebidas por Jung e Nise, o monismo spinozista e a problemática do acoplamento estrutural, cara à neurobiologia de Maturana, para o estabelecimento da psicopatologia de Pordeus. Trata-se da crítica do individualismo biológico e da afirmação de uma natureza cujo funcionamento se dá em rede. Como explicou em sua palestra:

Se são as imagens, as emoções, os afetos que organizam nosso processo, o desenvolvimento dessas doenças acontecem com base em processos coletivos, comunitários. Como tratar o doente mental isolado dentro de um



consultório, dentro de uma enfermaria psiquiátrica, dentro de um hospital onde ele está longe da família, longe da comunidade, da cidade, do meio onde adoeceu? Isto é uma contradição muito profunda. (PORDEUS, 2016, comunicação oral⁶)

Seria preciso, portanto, mudar para outro paradigma, comunitário, superando esse que seria o paradigma hegemônico. O slide seguinte preenchia-se com a imagem de René Descartes, “Renato Descartes, a grande parteira da revolução científica” acompanhada do modelo de um pato mecânico. Esse grande físico, matemático e jesuíta – e os jesuítas tinham uma forte formação científica – foi expulso da Igreja Católica por romper com o sistema em favor da ciência. O problema é que, decorrente disso, estaria a ideia de que o corpo é uma máquina, funcionando por causas e efeitos. Era a concepção do universo como relógio:

Descartes é o criador daquela famosa frase, cogito ergo sum. Penso, logo existo. Ele é o cara que coloca a razão como principal justificativa da existência humana. Tudo o que não for dotado de razão, é máquina. A natureza é máquina. O corpo é máquina. Só a cabeça, o cucuruco, funciona. Os pensadores são importantes, os intelectuais são importantes, e quem faz trabalho manual, quem vive com o corpo, quem trabalha com o corpo não tem importância. Então a gente cria essa sociedade cartesiana, que separa a razão do corpo. E aí, meu amigo, é choque, tranca e droga. (PORDEUS, 2016, comunicação oral).

De acordo com Pordeus, a consequência mais fundamental dessa concepção seria a tentativa de intervir nas perturbações do ser humano através de drogas destinadas a combater defeitos específicos, entendidos em seus aspectos físico-químicos e cerebrais. O individualismo biológico, aqui, se manifestava a partir das afecções de partes específicas do organismo, entendidas separadamente. Tratava-se, evocando Nise, de *camisas de força químicas* (SILVEIRA, 1981), criadas no intuito de corrigir à força as engrenagens da máquina e seus compartimentos:

Essa seria a psicopatologia da atual psiquiatria. É como um anatomista. Tudo fica separado e individualizado. Aí você cria a ideia de que o indivíduo sozinho é responsável pelo seu sucesso ou seu fracasso. Você elimina a ideia de relações ecológicas, coletivas, que influenciam umas às outras, mesmo à distância. Isso vai evoluir de forma total até agora, no início do século XXI, quando nós ainda temos todo esse aparato da medicina cartesiana, que é o aparato dos hospícios, do presídio, da polícia, da repressão, do vigiar e punir, como dizia o Foucault. É a sociedade da máquina, do panóptico. Sorria, você está sendo filmado. (PORDEUS, 2016, comunicação oral).

⁶ Todas as transcrições das citações de Pordeus durante seu curso em 2016 são de minha responsabilidade.



O palestrante explicava que o pensamento cartesiano funciona muito bem para máquinas, satélites e foguetes, mas para os organismos vivos é uma catástrofe: “Não é máquina, é ecologia”, enfatizava.

A próxima etapa veio, como era de se esperar, mais uma vez com a figura de Spinoza. “Se aquele é Descartes, este é o Spinoza. Baruch de Spinoza, o Bento de Espinosa, o pai perdido da biologia. A família dele era de cristãos novos, que se refugiaram em Amsterdã. E ali nasce esse grande pensador, esse grande gênio”. Pordeus conta que Spinoza conviveu à distância com Descartes na capital holandesa, e já em seus primeiros escritos, tratou de criticá-lo, propondo uma alternativa através de outra concepção de natureza e de vida. Ele teria entendido “a cilada das máquinas”. Se “cogito, ergo, sum” era a fórmula de Descartes, “Deus sive Natura” seria aquela proposta por Spinoza, significando “Deus, ou seja, a Natureza”. Isso implicaria não tanto em um retorno à cosmovisão cristã, mas na ideia de natureza como um contínuo de relações. Nessa leitura, Deus designa uma substância eterna infinita, causa imanente de todas as coisas, da qual nós somos uma modificação: “Todos nós fazemos parte desse ciclo da vida. Todos nós fazemos parte dessa ideia de que a natureza é uma, é uma coisa só”. É, segundo o médico-ator, justamente o que a ecologia vai dizer no século XX. Nesse sentido, Pordeus encontrava em Spinoza o precursor de Maturana, embora a referência direta não se fizesse tão explícita na obra do chileno.

Mais uma vez, o expositor atribuiu ao menosprezo dessas ideias, afirmadoras da unidade das coisas, a razão dos acontecimentos políticos contemporâneos: “Nós estamos vivendo esse momento de aquecimento global, de catástrofe global, por causa disso, de uma visão de mundo equivocada, que não considera que estamos todos ligados, às bactérias, às florestas, ao fitoplâncton dos oceanos. A saúde é um fenômeno ecológico”. O Rio de Janeiro, por exemplo, seria uma cidade cartesiana, que não pensa na natureza e na integração de seus cidadãos, a exemplo de um recente corte das linhas de ônibus protagonizado pelo então prefeito Eduardo Paes, separando ainda mais radicalmente a Zona Norte e a Zona Sul. “Eles acham que isolando a zona sul, vão controlar a violência. Ledo engano. Mentira. Vai piorar a violência”. E continuava, da política à ciência: “Se estamos entendendo que um ciclo liga ao outro e uma coisa está ligada à outra, quanto mais você afastar as pessoas, mais violenta-



mente elas vão invadir”. A imagem que agora permeava a projeção era a de uma víbora negra que se dobrava em si mesma, mordendo sua própria cauda. *Unus Mundus*.

Ao final da palestra, Pordeus mostrava figurações artísticas de bactérias, que se constituíam por uma multidão de elementos. Explicava que os artistas têm maior capacidade de apreender a biologia que os próprios médicos: “A biologia é uma orgia, está tudo junto e misturado. Imagina dar um beijo. Nós somos isso aí. Se um surta, surta todo mundo junto. Se um indivíduo adocece, a família inteira adocece junto”. Como dizia o palestrante, a saúde é um tecido. Tudo é rede, e sendo assim, as atividades artísticas e teatrais, realizadas coletivamente, seriam a forma mais adequada de promoção de saúde. “Ou a gente aprende a pensar em rede, ou vamos afundar na lama. Isto é biologia”.

Terminando, o palestrante entoou um coro, que dizia: “somos um círculo, dentro de um círculo, sem início e sem fim”. Todos se levantaram de suas cadeiras e, de mãos dadas, formaram uma serpente humana, que pouco a pouco foi saindo do auditório com a orientação do médico. Eu estava ali no meio, diluído em uma unidade, que não diferenciava pacientes, terapeutas, estudantes, pesquisadores ou curiosos. “Somos um círculo, dentro de um círculo, sem início e sem fim”, repetíamos sem parar, como em um mantra budista. Terminamos em um dos pátios do hospital, formando uma grande roda de aproximadamente cem pessoas, que logo se dispersou.

Engendrava-se, assim, uma outra psicopatologia, que não se dedicava propriamente a criar categorias diagnósticas ou a prescrever medicamentos. Sua base, de outra maneira, era uma *concepção de um mundo*, isto é, uma cosmologia, que se construía a partir da combinação entre a filosofia de Spinoza, a psicologia de Jung, a psiquiatria de Nise da Silveira e a neurobiologia de Maturana. A continuidade entre esses autores residia sobretudo em sua noção de natureza, traduzindo-se em uma espécie de monismo que ganhava forma na apresentação da imagem da bactéria interconectada, na cobra que mordida a própria cauda ou na dos nossos próprios corpos em cadeia, na base de noções como tecido, rede e ecologia. Era a partir dessa perspectiva que, segundo o professor, seria possível criar outros conhecimentos, práticas e políticas sobre os transtornos mentais. E era a partir das atividades de expressão, isto é, das imagens e principalmente do teatro praticado coletivamente, que esses conhecimentos poderiam ser ativados.



PODE A BIOLOGIA AJUDAR A ENTENDER A PSICOPATOLOGIA?

Além de suas palestras, Pordeus também usava o campo dos artigos científicos como meio de transmissão de conhecimento. “*Can Biology Help us Understand Psychopathology?*” (PORDEUS, 2017), por exemplo, retoma alguns aspectos já presentes no curso de psicopatologia. Se, naquele curso, Descartes era o demônio a ser expurgado, no artigo, é o legado de Darwin que está sob a mira de sua crítica.

O autor denuncia a exaustão do paradigma neodarwinista e sua aplicação na medicina e na saúde pública, apontando para consequências desastrosas. No caso da saúde mental, aquelas seriam particularmente evidentes, incluindo, mais uma vez, o uso excessivo de medicamentos psicotrópicos e o progressivo lucro das multinacionais farmacêuticas, em detrimento do aumento das taxas de suicídios, genocídios e guerras mundiais.

Não obstante, Pordeus não descarta por completo a necessidade de uma concepção biológica. Pelo contrário, segundo o autor, um novo paradigma biológico teria se constituído silenciosamente, “grossamente despercebido” (PORDEUS, 2017, p. 1), ao longo das últimas décadas, correspondendo a um modelo compreensivo – e mais racional – da biologia humana e da psicopatologia. Sua função primordial seria a de levar a um outro patamar o debate-chave da psiquiatria atual: o determinismo genético e a seleção natural. Assim, se no curso de psicopatologia era a neurobiologia o saber que ganhava destaque na exposição de uma justificção biológica, no artigo, chama atenção o problema da genômica. Ambos, porém, se dão em uma mesma chave explicativa, como se verá a seguir.

Pordeus explica que, no pensamento biomédico hegemônico, os genes e o DNA são o centro do organismo: “nós somos nossos genes”. Mas esses não são quaisquer genes: são “genes egoístas” que governam e guiam nossa luta pela sobrevivência, propagando material genético. Reanima-se, aqui, o tema do individualismo biológico, suscitado no item anterior. Segundo o autor, as raízes da crítica a esse pressuposto estariam na década de 1940, quando Waddington cunhou o termo “epigenética” para criticar o determinismo genético *strictu sensu* e assumir que fatores ambientais podem influenciar o desenvolvimento de organismos situados, incluindo



sua saúde e doença.

Ainda na genealogia desse novo paradigma, chama atenção a breve referência ao antropólogo Gregory Bateson e seu entendimento da psicopatologia em termos ecológicos, evidente em seus escritos sobre os transtornos mentais, como a esquizofrenia e o alcoolismo (BATESON, 1972; 1979).

Por fim, o médico menciona mais uma vez o trabalho de Humberto Maturana e seu trabalho com Mpodozis, “A origem das espécies por deriva natural” (MATURANA; MPDOZIS, 1992), que propõe um entendimento da biologia em uma chave ecológica, cooperativa e interdependente.

Nesses autores, residiria uma nova síntese evolucionária, que deslocaria o amplamente aceito mecanismo de seleção natural e de determinismo genético pelo conceito de epigenética. Esse deslocamento abre caminho para a possibilidade de transformação dos organismos vivos, a depender do seu entorno, ou seja, de suas relações. A ênfase, então, se desloca do indivíduo para a ecologia (PORDEUS, 2017, p. 7).

Em psiquiatria, a compreensão dessa nova síntese evolucionária levaria à adoção de *métodos construtivistas* – ferramentas que levam em consideração que o processo psicopatológico não se resume a classificações nosológicas estereotipadas e a esquemas terapêuticos automáticos. É na seara desses métodos construtivistas que, no caso específico do trabalho do autor, entrariam as práticas artísticas e teatrais. Estas também deveriam ser compreendidas nos termos de uma evolução humana aberta à transformação e à contingência, no marco da concepção de uma natureza interrelacionada.

Nesse sentido, o texto percorre o que chama de origens rituais da humanidade, as quais incluem, por exemplo, o surgimento da linguagem durante o Paleolítico. Mais que um simples verbalizar, explica o médico-ator, trata-se de um entrelaçamento de palavras, imagens e emoções. Nossos ancestrais macacos primeiramente dominaram o fogo, a dança, a comunicação através da mímica e dos gestos, até evoluir ao uso de símbolos, representações e abstrações, tais como as religiões, mitologias e culturas. Psiquiatras como Nise da Silveira e Jung teriam reconhecido esse fato no campo da atividade psíquica, ao conferir aos mitos e rituais um papel fundamental no



desenvolvimento e no fazer terapêutico e na possibilidade de mudança da situação psíquica, inclusive em casos graves de psicoses, como na esquizofrenia.

Por fim, o autor busca demonstrar como, através do trabalho de Nise da Silveira, personalidades marcadas por traumas profundos encontraram uma via de desenvolvimento por meio da arte e da expressão simbólica – em outras palavras, da execução de dramas rituais –, na presença afetiva de monitores terapêuticos. Como disse a própria mestra, “Em vez de impulsos arcaicos serem exteriorizados violentamente, oferecemos a rampa que as espécies humanas esculpam ao longo de milênios para expressá-las: dança, representações, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e mais eficaz” (SILVEIRA, 1981, p. 102 apud PORDEUS, 2017, p. 14).

Um exemplo disso seria o próprio método de trabalho preconizado no Hotel da Loucura, no atual hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, cuja experiência estaria em conformidade com os princípios científicos apresentados no artigo. Seu resultado concreto seria o estabelecimento de uma linguagem entre terapeutas e pacientes, muito dos quais possuem a verbalidade comprometida. Estaríamos diante, portanto, de um *método construtivo*, capaz de operar, não na alteração do DNA predeterminado de seus pacientes, mas na ativação ou no silenciamento de determinadas informações genéticas, permitindo, assim, uma melhoria de suas condições psicopatológicas. Segundo o autor, aí estaria a afinidade entre o paradigma epigenético e a aplicação de arte como mecanismo terapêutico.

DA SEGUNDA ONDA NATURALISTA À SEGUNDA PSIQUIATRIA BIOLÓGICA

A controvérsia entre a natureza predominantemente fisicalista ou organicista do comportamento humano (no caso da psiquiatria, das outrora chamadas “doenças mentais”), e sua refração em fatores “psicológicos”, “sociais” ou “morais”, são uma das espinhas dorsais dos saberes médico-psicológicos modernos, encarnando o que antropólogos como Duarte (1986) e Venancio (1993) chamaram de *tensão físico-moral*. Trata-se, afinal, de uma das expressões do infundável debate sobre o universal e o particular ou, mais amplamente, sobre o dualismo entre natureza e cultura, sede da problemática autorrepresentação dos modernos ocidentais (LATOURETTE, 1994).



Ao longo da história da psiquiatria, contudo, essas tensões jamais se estabeleceram por completo. Como se sabe, em suas origens oitocentistas, tratava-se de uma ciência moral consubstanciada no ideário alienista de restituir a razão no louco através de rotinas, isolamentos, banhos e demais atividades (o chamado *tratamento moral*). Na Europa *fin-de-siècle*, porém, esse quadro era transformado por uma aproximação com a neurofisiologia e com a anatomopatologia. Incluíam-se, então, intervenções físico-químicas com base no postulado de uma origem somática (cerebral) das afecções, característico principalmente do organicismo alemão. Ao mesmo tempo, a nascente psicanálise, então centrada no fenômeno da histeria, provocava as insuficiências da compreensão biomédica e abria caminho para uma profusão de terapêuticas psicodinâmicas que viriam a surgir ao longo das décadas subsequentes. Ambas as correntes concorrerem desde então, até atravessar o pesadelo eugênico que dominou o pensamento científico europeu a partir do período entreguerras.

O alvorecer de uma humanidade devastada após a Segunda Guerra Mundial revelou novos desdobramentos dessa tensão constitutiva. Com o surgimento da moderna psicofarmacologia nos anos 1950, e sobretudo com sua expansão no último quartelão do século XX, assiste-se a um novo momento de biologização da psiquiatria, que poderia ser chamado de segunda psiquiatria biológica (BEZERRA JR., 2007). Esta é acompanhada pela reformulação do DSM, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. Sua terceira versão, publicada em 1980, declina do vocabulário psicanalítico imperante até então, e passa a encarnar um suposto ateoricismo, sob o postulado de uma base universal e biológica das entidades mórbidas (RUSSO; HENNING, 1999). O dito fenômeno, relativo às classificações psiquiátricas, se dá em articulação com a crescente produção farmacêutica em escala industrial e global, através da constituição de uma pequena biologia (testes de moléculas) e uma pequena psicologia (novas indicações) (PIGNARRE, 2012).

Isso se dá na esteira de um fenômeno mais amplo na biomedicina e nas ciências da vida. Segundo Meloni (2011), trata-se de uma segunda onda naturalista, que agora ganha forma em saberes como a genética comportamental, a sociobiologia, a psicologia evolucionária e as neurociências, com a finalidade de tornar o humano em



um objeto natural. Rose (2013), por sua vez, entende esse fenômeno em termos da expansão do entendimento molecular, que inclui a preeminência de uma compreensão da vida em termos de propriedades funcionais e codificações genéticas, entendidas como mecanismos reguladores do comportamento. Esse processo ganha forma em figuras compósitas que passam a constituir noções de corpo e pessoa, tais como o sujeito cerebral (AZIZE, 2008), hormonal (ROHDEN, 2018) ou genético (LUNA, 2005), atravessando marcadores de gênero, sexualidade, parentesco e/ou comportamento.

Neste artigo, observou-se como temas e percepções da segunda onda naturalista ou do entendimento molecular são acionados por Pordeus no intuito de justificar as práticas teatrais preconizadas como terapia em saúde mental. Proposições terapêuticas, psicológicas e artísticas passam a se acoplar a discursos neurobiológicos e relativos à epigenética, na chave do naturalismo. O chamado naturalismo, no entanto, não é de qualquer ordem, na medida em que, simultaneamente, critica os princípios do determinismo e o primado da individualidade nas explicações biológicas.

Dessa forma, é preciso pontuar que essas mudanças não se concretizam de maneira monolítica na direção de um naturalismo reducionista, nem estão isentas de tensões e contradições. Russo e Ponciano (2002), por exemplo, investigam a noção de sujeito construída através de recentes desdobramentos das neurociências, como aqueles presentes nos trabalhos de Humberto Maturana, Francisco Varela (esses dois, como visto, caros ao pensamento de Pordeus) e Gerald Edelman. As autoras sugerem que a naturalização do ser humano preconizada por esses cientistas é, na realidade, concomitante a um reencantamento da natureza. Nesse sentido, esta não é entendida como mero objeto de intervenção, manipulação ou investigação, tornando-se, antes, um sujeito das transformações, em uma espécie de *Lebensphilosophie* materialista. Isso tem particulares implicações para a concepção de pessoa daí emergente, baseada no postulado da plasticidade radical do sistema nervoso, ou seja, na multiplicidade, complexidade e imprevisibilidade constitutivas das conexões neurais. Dessa forma, ao descarte da interioridade psicológica corresponde, a um só tempo, e curiosamente, uma crítica do racionalismo e do materialismo mecanicista clássicos. O *self* passa a ser entendido em uma chave processual, nos marcos expli-



cativos do acaso, da contingência e do acoplamento organismo-meio, em oposição à predeterminação.

Silva e Duarte (2014), por sua vez, examinam as reverberações dessa questão dentro do campo da genética, conferindo particular ênfase aos usos contemporâneos dos termos *epigênese* e *epigenética*. Segundo os autores, essas noções abrigam as discussões críticas sobre os limites do neodarwinismo hegemônico, abrindo espaço para a influência do meio na transmissão transgeracional (novamente, em crítica ao preformacionismo) e retomando o fio da tradição aristotélica, vitalista e romântica (em tensão, também mais uma vez, com o mecanicismo clássico).

Com a epigenética, a concepção predominante de que cada gene é responsável pela codificação e síntese de uma proteína específica passa a ser contrabalançada com outra, segundo a qual genes ativos podem ser silenciados, e genes inativos, ativados. Portanto, são possíveis mutações epigenéticas, isto é, alterações específicas na expressão de determinados genes – o que insere a ontogênese na interseção entre a herança genética e as influências ambientais. Vê-se que essa formulação encontra ressonâncias com aquelas anteriormente citadas, referentes às neurociências, bem como com o material etnográfico aqui apresentado. Trata-se, em todos os casos, de um naturalismo antiessencialista, que concebe a possibilidade de fabricação e transformação dos organismos vivos em sua existência concreta.

Para encaminhar à conclusão, Freitas-Silva e Ortega (2014) descrevem a influência dos referidos discursos neurocientíficos e epigenéticos na psiquiatria contemporânea, sobretudo no que diz respeito à etiologia das doenças mentais, que passa a ser entendida em termos do funcionamento cerebral ou da carga genética. De acordo com os autores, a apropriação recente da noção de epigenética pela segunda psiquiatria biológica abriu novas esperanças para a descoberta da natureza última dos transtornos mentais. Como se sabe, essa tarefa é marcada pela profunda decepção com relação à identificação de marcadores biológicos diretos (genes específicos para transtornos específicos), e de resultados inconclusivos nos estudos epidemiológicos. A epigenética aparece assim como recurso explicativo alternativo, atentando para a interação entre a herança genética do indivíduo e os fatores ambientais, ou seja, os meios e processos pelos quais a determinação biológica do orga-



nismo é atualizada e expressada ao longo de seu desenvolvimento. Nesse sentido, a suposição de uma causalidade genética simples, linear, dá lugar a um entendimento probabilístico e descritivo, em que surgem noções como risco e fatores ambientais (gravidez, uso de drogas, vida urbana, migração, entre outros).

Impõe-se, assim, uma reconfiguração do conhecimento genético e do próprio projeto determinista e reducionista imperante na psiquiatria, fracassado na busca de suas evidências. Dessa forma, abre-se caminho à hipótese da vulnerabilidade genética, descolando a ênfase do determinismo para a própria argumentação da dimensão social no conhecimento biológico contemporâneo.

A heterogeneidade intrínseca à segunda onda naturalista, evidente através dessa revisão bibliográfica e do campo etnográfico, suscita novos desafios para se pensar a articulação entre as ciências da vida e as ciências humanas, e no caso da psiquiatria, inéditos desdobramentos da tensão físico-moral. A oposição entre teorias e práticas fisicalistas/organicistas e psicodinâmicas/psicossociais, que fazia pleno sentido entre os séculos XIX e XX, é reconfigurada a partir da disposição de um monismo naturalista englobante, no interior do qual antigos termos são disputados.

Por um lado, tem-se como consequência a necessidade de justificação e comprovação de saberes e práticas fundadas em proposições não exclusivamente naturalistas, como psicanálise, curas herbáceas e tratamentos espirituais e tradicionais, que frequentemente passam a necessitar buscar respaldo para sua legitimidade em termos de propriedades funcionais e codificações genéticas (ROSE, 2013). Por outro lado, contudo, verifica-se a abertura simultânea das próprias “ciências duras” para o pensamento compreensivo, mais afim às humanidades, possibilitando alguns pontos de encontro, desde que partindo de seu próprio escopo. Ambos os pontos se tornaram evidentes neste artigo, através da aproximação das teorias de Nise e Jung à neurobiologia e à epigenética, o que se deu tanto no sentido de sua legitimação, como por conta da afinidade eletiva entre suas visões de mundo, atentas à interrelação dos organismos e sua possibilidade de transformação (ou cura).



A MODO DE CONCLUSÃO

Ao final das oficinas de ação expressiva do Hotel da Loucura, é comum que todos se sentem em roda, convidados a debater sobre o acontecimento. Certa vez, um ex-interno psiquiátrico, também reconhecido militante da luta antimanicomial, contou como a experiência lhe foi positiva, e sobre como o projeto é um “lugar de sol” para a integração de sua condição, “consigo mesmo e com a sociedade”. Porém, lamentou o fato de aquele trabalho permanecer em um lugar de desprestígio na hierarquia médica: “Existe um problema cultural, ideológico, que faz com que haja estigma com o esquizofrênico, por quem já passou por internação. Eles dizem: você é esquizofrênico e acabou. Essa é a tradição organicista, que é antiga. A tradição psicossocial, a nossa, é mais recente”. Ao ouvir sua sentença, um estudante de medicina logo completa, fazendo coro à lamúria, e à oposição: “a gente vê aqui que o lado cultural deveria ser tão importante quanto o lado médico”.

Este artigo buscou demonstrar como, na reflexão teórica acionada pelo coordenador do projeto em questão, engendra-se uma nova compreensão sobre a tensão entre um *lado cultural* (ou psicossocial) e um *lado médico* (ou organicista). Mais que uma simples opção ou reafirmação do primeiro termo, trata-se de reformular o dualismo em termos biológicos, com referência às neurociências e à epigenética, assim como às noções compósitas, tais como rede, tecido e ecologia.

Isso se dá, evidentemente, na tentativa de confirmar o valor de um saber desprestigiado diante da ascensão hegemônica da psiquiatria biológica, articulada entre a ciência (psiquiatria e psicofarmacologia), o Estado (políticas públicas) e o mercado (indústria farmacêutica). Como me afirmou pessoalmente o próprio Pordeus, “diz o Brecht que em tempos obscuros a ciência pode ser a maneira de discursar sem morrer queimado”. A tentativa de uma certa comprovação naturalista de suas propostas – como se sabe, tema presente desde o pensamento original de Freud com relação à psicanálise – foi o que se viu neste trabalho.

Confirma-se, assim, a radicalização de uma configuração monista, definida em parte por um crescente interesse pelo corpo biológico e por uma proliferação de saberes e de tecnologias de intervenção sobre o mesmo (ROSE, 2003), em parte pela



declinação do antigo dualismo físico-moral, que estabelecia uma distinção radical entre um plano psíquico e outro orgânico (RUSSO, 2001). Essa radicalização, como demonstrou este artigo, se dá nem sempre no nível do cotidiano, mas sobremaneira do ponto de vista da produção teórica. Através da análise da palestra e da produção científica do coordenador do Hotel da Loucura, verificou-se uma releitura das teorias originais de Nise da Silveira, levando às últimas consequências a concepção de uma unidade entre mente e corpo, e revestindo-a de um verniz biologizante de maneira muito mais forte do que aquela presente no trabalho da inspiradora, comparativamente mais psicologizado⁷.

Não obstante, a biologia evocada por Pordeus se traduz por uma linha de pensamento específica, refratária à herança do mecanicismo cartesiano e do neodarwinismo. Trata-se, antes, de um movimento afim a uma filosofia da natureza monista e vitalista, na esteira do que Duarte (2013) chamou de ciência romântica. Designa-se, aqui, por um lado a persistente crítica aos princípios dominantes do racionalismo, do individualismo, do universalismo, do achatamento dos níveis e do afastamento do sensível; e por outro, a afirmação da totalidade, da diferença, da singularidade, do fluxo, da pulsão e da experiência. A oposição entre esses dois polos, por assim dizer, presentes na cultura ocidental desde a controvérsia histórica entre Iluminismo e Romantismo no século XVIII, permanece operando nos desdobramentos mais recentes do conhecimento moderno, embora sempre no formato de uma tensão hierárquica, na qual o polo romântico é sempre um contraponto de uma lógica que o ultrapassa e determina.

Conclui-se, assim, que a chamada segunda onda naturalista é mais complexa do que pode aparentar, não se encerrando nas celas do reducionismo e do determinismo, e sendo habitada pela persistência dessa configuração. No seu interior, e no caso etnográfico aqui analisado, os termos da contenda não se dão mais tanto entre dualismo e monismo – com a aparente vitória desse segundo termo – mas entre me-

⁷ Destaque-se, porém, que embora as teorias e práticas de Nise da Silveira estejam ancoradas em uma representação psicológica da pessoa, manifesta em noções tais como inconsciente, simultaneamente verifica-se: a) uma recusa da psicanálise freudiana (acusada de racionalista e restrita à oralidade); b) a busca de uma prática terapêutica expressiva, atenta à corporalidade, aos afetos e aos materiais de criação; c) a ambição monista de aproximação entre psique e matéria, assentada na filosofia spinozista e também no apreço pela psicologia junguiana.



canicismo e vitalismo, reafirmando a permanência de uma oposição no campo dos saberes.

Isso implica que a tradução de um pensamento desprestigiado na hierarquia dos saberes-poderes (uma prática teatral preconizada como terapêutica no seio do campo médico) nos termos de uma ciência reconhecidamente hegemônica se dê concomitantemente à defesa de aspectos insubmissos a essa mesma ciência. Conexões inéditas, portanto, tornam-se possíveis, sem a necessidade do repto do antigo dualismo físico-moral e da chamada tradição humanista, segundo a qual o sofrimento humano não pode ser medido em nenhuma hipótese, devendo estar restrito à clínica psicanalítica (PIGNARRE, 1999).

Por fim, destaque-se que essa disputa se dá não somente em termos cosmológicos, se inscrevendo também em termos de projetos de cidade, gestão pública de saúde e modos de subjetivação. Ciência e política se encontram quando a crítica ao pensamento cartesiano e neodarwinista passa a ser associada à luta por modelos de tratamento psiquiátricos mais sensíveis à realidade dos transtornos mentais e, portanto, menos violentos. Assim, deve-se introduzir essas tensões no que Foucault (1986) chamou de distintas *governamentalidades* do ser vivo – nas formas de exercício do poder sobre as populações através de dispositivos de segurança, de técnicas de controle e de produção de saberes.



REFERÊNCIAS

AZIZE, Rogerio Lopes. Uma neuro-weltanschauung? Fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 7-30, abr. 2008.

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

BATESON, Gregory. **Mind and nature: a necessary unity**. New York: Dutton, 1979.

BEZERRA Jr., Benilton. “Da contracultura à sociedade neuroquímica: psiquiatria e sociedade na virada do século. In: ALMEIDA, M. I. M.; NEVES, S. C. (Org.). **Por que não? Rupturas e continuidades da contracultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPq, 1986.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Antropología y psicoanálisis: retos de las ciencias românticas en el siglo XXI. **Culturas Psi**, v.1, n.1, p. 45-63, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREITAS-SILVA, Luna Rodrigues; ORTEGA, Francisco Javier Guerrero. A epigenética como nova hipótese etiológica no campo psiquiátrico contemporâneo. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 765-786, set. 2014.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LUNA, Naara. Natureza humana criada em laboratório: biologização e genetização do parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 395-417, ago. 2005.

MAGALDI, Felipe. **A Unidade das Coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

MATURANA, Humberto; MPODOZIS, JORGE. The origin of species by means of natural drift. **Rev. chil. hist. nat.**, Santiago, v. 73, n. 2, p. 261-310, jun. 2000.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **El Árbol del Conocimiento**. 13. ed. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1996.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De Máquinas e Seres Vivos – autopoiese: a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o Campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, v. 5, p. 30-52, 2009.

MELONI, Maurizio. The cerebral subject at the junction of naturalism and antinaturalism. In: ORTEGA, Francisco; VIDAL, Fernando (Org.). **Neurocultures: Glimpes into an expanding universe**. Frankfurt e Nova York: Peter Lang, 2011, p. 101-115.

PIGNARRE, Philippe. **O que é o medicamento?** Um objeto estranho entre ciência, mercado e sociedade. São Paulo: Editora 34, 1999.



- PORDEUS, Vitor. Curriculum lattes. **Plataforma Lattes**. 2014. Disponível em: <http://busca-textual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4759127Z1> Acesso em: 14 fev. 2019.
- PORDEUS, Vitor. Hotel da Loucura: entrevista concedida a Vicente Lou. **Leros**, abr. 2014. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/grimbow/036-040-vitor-pordeus>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- PORDEUS, Vitor. Entrevista concedida à equipe editorial do Jornal do Commercio. **Jornal do Commercio**, 2015. Disponível em: <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/loucura/amorartecaps>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- PORDEUS, Vitor. Can Biology Help Us to Understand Psychopathology? **EC Psychology and Psychiatry**, v. 2, n. 3, p. 93-105, 2017.
- ROHDEN, Fabíola. “Os Hormônios Te Salvam de Tudo”: produção de subjetividades e transformações corporais com o uso de recursos biomédicos. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 199-229, abr. 2018.
- ROSE, Nikolas. Neurochemical selves. **Society**, v. 41, n. 1, p. 46-59. 2003.
- ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2013.
- RUSSO, Jane. A pós-psicanálise – entre Prozac e Florais de Bach. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CERREZZO, Antonio Carlos; RODRIGUES, Helena de Barros Conde (Org.), **Clio-Psyche. Hoje**. Fazer e dizer psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- RUSSO, Jane; HENNING, Marta. O Sujeito da Psiquiatria Biológica e a Concepção Moderna de Pessoa. **Antropolítica**, v. 6, p. 39-55, 1999.
- RUSSO, Jane; PONCIANO, Edna. O sujeito da Neurociência: da naturalização do homem ao re-encantamento da natureza. **Physis** (UERJ. Impresso), v. 12, n.2, p. 54-76, 2002.
- SILVA, Glaucia Oliveira da; DUARTE, Luiz Fernando Dias. Epigênese e epigenética: as muitas vidas do vitalismo ocidental. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 22, p. 425-453, 2016.
- SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- TAVENER, Ben. From Stratford to Rio: using Shakespeare to treat mental illness. **BBC Health Check**, 12 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/health-32241100?SThisFB>>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- VENANCIO, Ana Teresa. A construção social da pessoa e a psiquiatria: do alienismo à nova psiquiatria. **Physis** (UERJ. Impresso), v. 3, n. 2, p. 117-135, 1993.
- VENANCIO, Ana Teresa. **O Eu Dividido Moderno: uma análise antropológica da categoria esquizofrenia**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

Recebido em: 15/02/2019

Aceito para publicação em: 23/10/2019

